

Imagologia e Transnacionalismo: heteroimagens e autoimagens em *Myra* de Maria Velho da Costa e *Livro* de José Luís Peixoto

Maria João Simões
Universidade de Coimbra
mjafsimoes@me.com

Data de receção do artigo: 25-07-2014
Data de aceitação do artigo: 12-10-2014

Resumen

A sociedade atual caracteriza-se por uma grande facilidade de mudança e por uma intensa movência das pessoas, originando essa “liquidez” de que nos fala Zygmunt Bauman e a multiculturalidade que tanto hoje se estuda. Neste contexto, a Imagologia literária apresenta-se como um domínio de estudos fértil e útil para o entendimento dos choques e dos intercâmbios culturais e a Literatura revela ser um campo muito especial para se compreenderem os fenómenos interculturais, participando simultaneamente como agente e recetor dessa fluidez e dessa movência. À luz destas ideias, neste estudo, pretende-se analisar os romances *Myra* de Maria Velho da Costa e *Livro* de José Luís Peixoto, abordando o modo como as personagens representam imigrantes e emigrantes cujas construções identitárias são multímodas, ambivalentes e transnacionais. O jogo entretecido pelas diversas personagens, a complexidade das suas situações e o entrecruzamento dos espaços em que elas se movem revelam como estas ficções plasmam as mudanças sociais e se configuram como signos da contemporaneidade, tornando-se, assim, importantes para se intelegir melhor “the transnational turn” que marca hoje as discussões dos estudos culturais e literários.

Palavras-chave: Imagologia – identidade – migração – Maria Velho da Costa – José Luís Peixoto

Abstract

Modern-day society is characterized by the fact that change and the displacement of people occur with great ease. These phenomena give rise to the “liquidity” that Zygmunt Bauman speaks of and to

multiculturalism that is such a prevalent object of study today. In this context, literary imagology is a fertile and useful field of inquiry for an understanding of the relevant cultural shocks and exchanges, and the literature on this topic is paramount for any understanding of intercultural phenomena, participating as both agent and receiver of this fluidity and this capacity for displacement.

In this context, we propose to analyze the novels *Myra* by Maria Velho da Costa and *Livro* by José Luís Peixoto, focusing on the way the characters come to represent immigrants and emigrants whose identity constructions are multimodal, ambivalent, and transnational. The game played by several characters, the complexity of their situations, and the overlapping of the spaces through which they move demonstrate the way in which these fictions reflect social changes and can be read as signs of contemporaneity. In this respect, they become very important for a better understanding of "the transnational turn" that characterizes current discussions of literary and cultural studies.

Keywords: Imagology – identity – migration – Maria Velho da Costa – José Luís Peixoto

A ficção portuguesa do século XXI apresenta ao público romances não só com uma grande variedade estilístico-compositiva mas também com uma grande diferenciação temática. Alguns dos autores já consagrados no final do século passado sintonizaram-se com as mudanças de pensamento e de sentir que se viveram na transição para a época atual. Mais do que isso, foram premonitórios e intuíram diferenças e mudanças boas e más.

Uma das grandes mudanças perceptíveis na sociedade portuguesa foi a que se verificou quando Portugal passou a ser um país de acolhimento de grandes surtos migratórios – mudança representada em várias ficções contemporâneas. Nestas novas narrativas não se trata tanto de representar temas meramente nacionais ou temas diretamente relacionados com as questões do colonialismo (embora estas questões continuem a ser importantes e continuem a estar representadas na literatura¹), mas trata-se, sobretudo, de temas e temáticas mais

¹ A permanência de temas ligados ao colonialismo surge bem vincada, em muito romances, mas também se nota uma evolução conducente ao romance dito "pós-colonial", diferenciando, assim os romances da década de 60 e 70 dos romances dos romances pós-coloniais do final do século.

latamente multiculturais.

De entre as múltiplas problemáticas trabalhadas no romance multicultural, contemporâneo, salientam-se, aqui, as ficções que plasmam vivências das gerações subsequentes às levas de emigrantes portugueses nas décadas de 60 e 70 (ou que revisitam o tema da emigração, estendendo-o, porém, às suas consequências para as subsequentes gerações) e as ficções que representam temas introduzidos pela chegada de imigrantes.

Entre as obras pioneiras que representam choques culturais de cariz pós-colonial encontramos *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002), de Lídia Jorge. Com efeito, o ambiente deste romance já incorpora uma figuração do imigrante com os seus aspectos dramáticos e trágicos, explorando, por exemplo, a presença da xenofobia estigmatizada na recusa da aceitação de um casamento multirracial e no tema da infertilidade forçada².

Vários romances contemporâneos tecem a(s) sua(s) história(s) em torno da emigração ou da imigração, muitas vezes juntando ao lado trágico o tema da violência, como acontece, por exemplo, com o *apocalipse do trabalhadores* de valter hugo mãe.

Indo mais longe, é visível uma manifestação mais radical da presença do estrangeiro e da interculturalidade na literatura contemporânea na peça “Os dias de hoje” da obra *Figurantes e outras peças* de Jacinto Lucas Pires, onde se joga com a contaminação linguística uma vez que nem todos os personagens/atores são portugueses e uma vez que o discurso incorpora outras línguas, de uma forma radical, por vezes até de forma corrompida, provocando um efeito cômico ou dramático.

A hibridez, a contaminação e a mistura, quer linguísticas quer culturais, surgem já representadas em romances que assentam as suas histórias nos diversos aspectos dos problemas de emigração. Tal acontece, por exemplo, com *A Floresta em Bremerhaven*, e em *Este Verão, o Emigrante Là-bas*, de Olga Gonçalves que, pela sua forma bem experimentalista, constitui uma vanguarda deste filão, embora o enfoque seja ainda unidirecional.

Com o aparecimento de romances como *Myra* (2008) de Maria

² A capacidade intuitiva da autora para captar, muito cedo, problemas da atualidade manifesta-se também na obra *Combateremos a Sombra*, onde a intuitiva autora desvela os meios mais escondidos, fundos e negros da sociedade contemporânea que minam a confiança de qualquer cidadão.

Velho da Costa e *Livro* (2010) de José Luís Peixoto, por exemplo, há novos aspetos que entram em cena no que diz respeito à representação de questões da interculturalidade e dos processos de hibridação na construção identitária transnacional.

Numa primeira abordagem, será importante salientar pelo menos três aspectos (entre outros passíveis de análise):

1. A sobreposição de camadas que conduzem à formação da hibridez identitária no migrante ou no seu sucessor, implicando percursos historicizados;

2. a flutuação e liquidez dos aspetos identitários contruídos pelas personagens nas suas implicações intersterciais sincrónicas³, nomeadamente os espaços em que se geram;

3. o reconhecimento das marcas de contaminação transnacional e do jogo (in)comunicativo desencadeado a partir delas.

Para se intelegir melhor estes aspectos, torna-se necessário convocar uma série de conceitos e reflexões filosóficas que modificaram a maneira entender a localização dos sujeitos e o seu relacionamento com o contexto

1. Salienta-se, à partida, a noção de identidade como construto mental retentor de imagens do si e do 'outro'. Muitos teóricos contemporâneos contestam o entendimento da identidade como uma formação estática, e, já em 1999, Martine Abdallah-Pretceille afirmava que se devia pensar a identidade mais como "uma dinâmica" do que como "uma categoria", evidenciando uma construção em permanente ajustamento, com contradições, disfuncionamentos, conflitos, mas, também por isso mesmo, manipulável e sujeita às pressões dos contextos sociais.

A Imagologia, providencia, neste sentido, um campo de análise fértil, uma vez que estuda as multiplicidades das representações identitárias e a complexidade de relações que elas estabelecem com as representações da alteridade.

Esta complexidade entender-se-á melhor se se tiver em conta a reflexão realizada por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995: 51, 68) no texto "Geologia da Moral", onde os dois filósofos, a partir de distinções da Geologia, falam de sobreposições e camadas na própria

³ O cruzamento de referências identitárias, tal como o entende Homi Bhabha, conduz ao que ele designa por espaço "intersticial" ou "terceiro espaço", nascido da imaginária "negociação das diferenças incomensuráveis". (*apud* Ramazani, 2009: 98).

constituição dos elementos e dos organismos, para sublinharem a complexidade da expressão das suas relações com a exterioridade:

... os estratos são fenômenos de espessamento no Corpo da terra, ao mesmo tempo moleculares e molares: acumulações, coagulações, sedimentações, desdobramentos. São Cintas, Pinças ou Articulações". (Deleuze e Guattari, 1997: 190).

Estas reflexões funcionam como penetrantes mapeamentos concetuais por sublinharem os processos cognitivos das metáforas concetuais (Vervaeke and Kennedy, 2004: 213), permitindo a sua aplicabilidade a partir dessa mesma abstração conceptual.

Sopesados os alertas de J. Bouveresse (2003: 18) contra os perigos da utilização de analogias que processam transferência de premissas e conclusões de uns domínios científicos para outros, sem haver, previamente, um profundo entendimento do seu sentido original, é possível aplicar, depois das abstrações elaboradas por Deleuze e Guattari (e da subsequente reflexão filosófica realizada a partir delas), os conceitos de sedimentação e desdobramento ao processo formativo identitário de cada ser humano.

Trabalhado ficcionalmente, este processo é representado nos romances *Livro* e *Myra* pela exposição do percurso de vida dos protagonistas e de outras personagens. As personagens emergem inseridas em vários momentos e espaços que as configuram, ou melhor, que as vão configurando, pois esses espaços tempos não são dados a ler ao leitor de forma linear, mas sim intermitentemente e analepticamente, sendo o leitor a entidade capaz de processar a informação e de lhe encontrar a lógica interna.

Neste último romance, *Myra*, a protagonista, recorda por várias vezes a sua infância com "avó-mãe" russa, que representa o substrato inicial da sua formação identitária, cujas marcas físicas e culturais carrega consigo. Elas são visíveis, desde logo, no nome *Myra* que tem de ocultar para se proteger, mas também nas características físicas que vão desde a brancura da pele, ao loiro dos cabelos "juba de leão" e ao corpo esguio (Costa, 2008: 211).

Ao longo do seu percurso, representado no romance, vão emergindo as marcas culturais russas constituídas pelas memórias da sua infância: histórias, situações⁴, cheiros, sabores, etc. que se

⁴ Trata-se sobretudo de situações de pobreza e miséria como aquela em que recorda o medo de serem apanhadas de mão estendida a pedir às portas das igrejas, ou a falta de comida no

impõem a Myra por entre as experiências que agora vive. Acresce a este substrato inicial a viagem de emigração, cuja narração ecoa aquelas relativas às viagens dos nossos emigrantes por ser semelhante a tantos outros relatos (tristemente comuns) de emigração: viagem de “carrinha em carrinha”, sem papéis e sem dinheiro a não ser para dar aos passadores.

Um segundo estrato corresponderá à sua experiência como filha de imigrantes, na Caparica, experimentando a dureza dos pais, que, trabalhando demais, lhe batem para que seja a melhor da escola. Depreende-se que sua linguagem desbragada, o seu conhecimento de palavrões e o desenvolvimento do espírito de sobrevivência tenham sido adquiridos nesta fase. Myra acaba por fugir, salvando e levando consigo Rambo, um temível Pitt Bull treinado para matar.

Um terceiro estrato sobrevem através dos múltiplos e variegados contactos que acaba por fazer na sua fuga para o sul de Portugal. Esta última camada cultural que concorre para a formação da adolescente Myra corresponde à *tranche de vie* mais representada do romance. Configurada num cronótopo contemporâneo, a intriga dá-nos uma imagem de Portugal não inteiramente acolhedora, ou seja, desconstrói aquela imagem edulcorante que muitas vezes idealizamos e procuramos para nós mesmos.

Neste Portugal, bem atual, há gente boa e gente má, quer sejam portugueses, quer sejam estrangeiros, ou imigrantes; há grandes diferenças de classes, com gente ignorante e pessoas muito cultas; há muita violência camuflada ou explícita. Myra convive ou contacta com toda uma panólia de seres diferenciados: D. Mafaldinha, uma moderna e fria pintora que vive com o alemão Kleber; um velho cego e sem mão que, para fugir à tropa em tempo salazarista, andou pela Europa em duros trabalhos e na vida de marinheiro dos mares frios do Norte; cozinheiras ou criadas alentejanas carinhosas ou invejosas; um inofensivo Padre e uma calculista freira; Nanóia, uma caboverdiana, algo edonista e amante do presente; o jardineiro chinês Wong, amante da arte e da simetria, etc. Porém, a maior parte deles pertenceu ou tem cicatrizes de um mundo de corrupção ou de misérias ou de horrores vários. Quando finalmente se apaixona pelo belo mestiço Orlando Gabriel também ele se revela como um ser um mutilado, “um salvado

inverno. Estas recordações da sua infância constituem a primeira camada identitária que a forma, à qual se juntarão outros estratos, encarregando-se a memória de os sobrepor ou os misturar.

de ricos”, filho de uma caboverdiana e enteado de um alemão rico. Trata-se, portanto, de um conjunto multirracial de figuras que estabelecem um pano fundo com características transnacionais, gerando um jogo complexo de heteroimagens e autoimagens positivas e negativas.

De um modo diferente também as personagens principais de *Livro* de José Luís Peixoto evidenciam uma sobreposição de camadas identitárias, assentando a sua caracterização, em grande parte, no embate entre a cultura portuguesa como ponto de partida e a cultura francesa enquanto meio de acolhimento do seu movimento emigratório. Adelaide é forçada a emigrar pela tia com quem vive; Cosme e Ilídio emigram para fugirem à tropa — motivo ao qual se junta, no caso de Ilídio, a intenção de reencontrar a sua amada. Mas, para além destas personagens, aos leitores é dado a conhecer pedaços de outros percursos de vida de emigrantes ou filhos de emigrantes: Lubélia e o marido (casal que Adelaide conhece na viagem para Paris e que a acolhe na sua barraca de um *bidonville* de Paris), Constantino, marido de Adelaide, pequeno revolucionário anti-salararista que vive à custa dos pais por ele constantemente criticados, mas, sobretudo, Livro, o filho de Adelaide que (juntamente com as trigémiãs filhas do Cosme) representa a geração dos filhos de emigrantes, com escolaridades feita em França e férias passadas em Portugal pelo calor de agosto. Todos eles apresentam sinais de contaminação cultural e revelam maior ou menor grau de atrito nessas sobreposições culturais.

Como se referiu, estes romances representam os percursos de vida das personagens e, através deles, reinventam ficcionalmente percursos reais, sendo possível identificar facilmente a feição biográfica que encerram logo a partir dos títulos, os quais, sintomaticamente, são formados pelos nomes dos protagonistas. Esta feição é importante se se pensar que a investigação de cariz transnacional, para além de buscar dados em comunidades migrantes e outras instituições, também se apoia em relatos biográficos e de experiências de vida. Este aspeto é apontado nas reflexões de L. Pries e M. Seeliger (2012: 233), estudiosos que, ao repensarem a investigação sobre “espaços sociais transnacionais”, distinguem várias “unidades dominantes de análise”, e entre elas incluem, precisamente, as “biografias” e os estudos sobre “famílias”. Os núcleos familiares funcionam simultaneamente como elementos das migrações, mas também como canais de propagação desses movimentos migratórios, o mesmo acontecendo com determinados círculos de amigos dentro

de aldeias e vilas (como se recria em *Livro*).

É imprescindível, todavia, reter que a sobreposição de camadas identitárias verificadas nestes percursos, embora analiticamente possam ser desdobradas numa linearidade temporal, na realidade não se eliminam, nem se apagam, nem se excluem umas às outras. Elas coexistem e coabitam, sendo permeáveis. Quando muito passam por períodos de dormência preditiva, para evitar condições adversas; outras vezes, os seus elementos latentes despertam forçadamente em situações de maior perigo, expondo os sujeitos à impiedosa crítica social.

2. Uma grande flutuação e liquidez dos aspetos identitários resulta destas sobreposições de vivências culturais diversificadas. É conhecida a reflexão de Zygmunt Bauman sobre as características do mundo contemporâneo. Na obra intitulada *L'Identité*, o sociólogo salienta:

...na nossa modernidade líquida o mundo recorta-se em camadas desemparelhadas, as nossas vidas individuais esfrelam-se numa sucessão de momentos incoerentes. Ao mesmo tempo que somos, nós atravessamos sucessivamente 'comunidades de ideias e princípios', sejam elas autênticas ou ilusórias, consistentes ou efêmeras.⁵ (Bauman, 2010: 22)

Em clave ficcional, é isto que se verifica nos romances em análise na medida em que estes romances são *romances de aprendizagem* – representam a formação e aprendizagem das suas personagens, sejam elas, Myra, Livro, Ilídio ou Adelaide. As personagens têm de lidar constantemente com as diferenças dos novos meios culturais que experienciam, na maior parte das vezes, dolorosamente, tentando lutar contra a dissolução das memórias e contra a fragmentação. Na verdade, segundo Zygmunt Bauman (2010: 107), “L'identité, c'est le combat simultanée contre la dissolution et la fragmentation, une pulsion vorace couplée à un refus obstiné de se laisser dévorer...”. E este sociólogo salienta que, neste processo, o presente apenas pode propor “pontos de ancoragem” aos quais os seres se vão agarrando para não se perderem.

⁵ Traduzido a partir da edição francesa, da seguinte frase: “Dans notre modernité liquide, le monde se découpe en tranches dépareillées, nos vies individuelles s'émiettent en une succession de moments inchoérents. Tout autant que nous sommes, nous traversons successivement des 'communautés d'idées et de principes', qu'elles soient authentiques ou illusoirs, consistantes ou éphémères. (Bauman, 2010: 22).

Talvez esta seja uma das múltiplas razões capazes de explicar as diferenças existentes nos graus de permeabilidade cultural – a diversidade dos próprios seres leva-os a manter ou criar uma maior ou menor quantidade de pontos de ancoragem nas suas experiências multiculturais. Nos romances em causa, por exemplo, Ilídio, embora trabalhe muitos anos em França e conheça uma maior diversidade de trabalhadores estrangeiros (entendendo-se bem, por exemplo com um polaco, mesmo sem falarem muito), conserva uma grande ligação a Portugal, para onde regressa reiteradamente nas férias. Já Adelaide, por ter casado em Paris com um português rato de biblioteca, cinzento e ciumento, não só é compelida a deixar de trabalhar como também é retida em Paris, e, por isso, mantém elos mais indiretos com o meio e a cultura de origem (revê a sua terra através das fotografias que pede ao Cosme e também através dos olhos do filho que envia a passar férias em Portugal). Consequentemente, quando regressa a Portugal já tem dificuldade em falar com as mulheres da sua vila, já não tem interesses comuns, sente falta de bens de consumo (aos quais se habituara enquanto empregada doméstica e de limpeza e enquanto dona de casa), e sente falta dos cheiros, das luzes e da agitação dos centros comerciais parisienses.

Vale a pena observar como nestes romances esses “pontos de ancoragem” estão ligados aos afetos e ao amor, mas também aos usos e abusos de poder que impedem as personagens de progredir livremente. Quer no caso dos imigrantes que compõem o conjunto de personagens da obra *Myra*, quer no caso dos emigrantes representados em *Lívro*, as personagens são joguetes nas mãos de pessoas poderosas, ou porque estas possuem armas (como acontece no primeiro) ou porque se servem da sua ascendência familiar para oprimir os mais jovens (como acontece sobretudo no segundo, com a prepotente Tia Lubélia, com o abusador avô da mãe de Ilídio, ou com Constantino o pseudorevolucionário e machista marido de Adelaide).

Os espaços delineados nestes romances não são esses macroespaços transfronteiriços ou esses bairros multiculturais de grandes choques entre culturas; são antes microespaços habitados por seres que experienciaram processos de hibridização cultural: no caso do romance *Lívro*, a barraca de Libânia num dos *bidonvilles*

parisienses, a casa⁶ de emigrante feita por Ilídio, a casa portuguesa recuperada e redecorada por Adelaide; no caso do romance *Myra*, o apertado apartamento cheio de imigrantes onde vivem os pais de Myra, a casa da extravagante e estrangeirada D. Mafalda, a casa rica de Gabriel Rolando no Algarve, e também a casa de prostituição da brasileira madrinha Adalgisa, no Porto, para onde Myra é levada à força, essa casa de horrores, onde o dinheiro dos “*poderófilos*” é sinónimo de poder.

O racismo e a xenofobia estão presentes nas duas obras, mas é em *Myra* que estes temas são decantados em seu grande horror, desvendando a força das relações de poder de um submundo sem ética nem moral. Neste sentido, é notório como os jogos de poder implicados nestas obras representam situações económicas específicas: a pobreza do tempo da ditadura salazarista e a precaridade económica dos imigrantes de leste e dos imigrantes africanos. Assim, estas produções literárias evidenciam a complexidade de que fala Paul Jay:

...understanding the transnational turn in literary studies itself will take [a] more nuanced approach [...] one on which cultural production is analyzed within a context that assumes its connection with economic flows, material conditions, and inequities related to class relations. (Jay, 2010: 72).

Alguns destes microespaços impõem reorganizações do poder que são réplicas desviantes do poder estatal, construindo não espaços lisos, mas antes espaços estriados, segundo a famosa distinção de G. Deleuze e Guattari. Utilizando a metáfora da organização hidráulica, estes filósofos afirmam que “o Estado precisa subordinar a força hidráulica a condutos, canos, diques que impeçam a turbulência, que imponham ao movimento ir de um ponto a outro, que imponham que o próprio espaço seja estriado e mensurado” (Deleuze e Guattari, 1997: 27-28). Em *Myra* há microespaços, como o da casa de prostituição da “madrinha Adalgisa” e a casa D. Mafaldinha, que são espaços organizados com uma hierarquia e regras rígidas, assentes em proibições, coações ou mesmo enclausuramento (*Myra* fica fechada à chave) com fins bem determinados – neste último caso, a exploração das mulheres e de menores. Nestes espaços, os sujeitos são

⁶ Revela-se aqui a importância que representa “fazer uma casa” para o emigrante: ela significa um reduto de ancoragem identitária, um lugar, uma “morada”, onde se pode sentir “chez soi”, como explica E. Levinas (1971) (cf. nota 6).

empurrados para uma convivência multicultural imposta ou forçada. Neste sentido, os *bidonvilles* são espaços mais caóticos com uma organização mais precária, mas tendendo para o estriado quando emergem os jogos de poder socioeconômicos locais.

O migrante é muitas vezes empurrado para estes espaços, porque o migrante vai para um lugar, diferindo assim do nómada, tal como salientaram Deleuze e Guattari:

O nómada não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nómade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto". (Deleuze e Guattari, 1997: 51)

Assim, como salientam estes filósofos, com o migrante há uma "reterritorialização" que vem *depois*, e é este trajeto que leva à sobreposição de influências culturais.

Dividido entre lugares do *antes* e do *depois*, multiplicando as imagens e miragens, as expetativas e os logros, o migrante é um ser duplo ou duplicado, ou um sujeito líquido, tal como o caracteriza Z. Bauman (2010: 95): "L'individu liquide est décidément un être pris dans les "tourments de l'ambivalence".

Vários exemplos da duplicidade e da ambivalência dos imigrantes e dos emigrantes podem ser observados nos romances *Myra* e *Livro*.

Sobressaem, neste último, duas notas de autoanálise feitas pelo narrador-personagem Livro: uma primeira nota, em que comenta a sua relação com o conceito de "casa" (ou "morada", num sentido levinasiano, segundo o qual habitar significa "manter-se" e manter uma identificação com estar em casa com que o "eu" se identifica⁷); numa segunda nota, o protagonista explica como, para ele, vir para Portugal não significa "voltar":

Nunca encontrei o abrigo que ainda procuro, uma mão que me feche no seu interior e me guarde no bolso de dentro do casaco, paredes que me digam com veludo: descansa, menino. Mas procuro,

⁷ Para E. Lévinas, a "*manière* du Moi contre l' "autre" du monde, consiste à *séjourner*, à *s'identifier* en y existant *chez soi*. Habiter est la façon de de *se tenir* (...) Le "*chez soi*" n'est pas un contenant, mais un lieu où je peux, où, dépendant d'une réalité autre, je suis, malgré cette dépendance, ou grâce à elle *libre*". (Levinas, 1971: 155 ; 26).

continuo, como se acreditasse que me vou encontrar. (Peixoto, 2010: 211)

Eu não tenho para onde voltar. Paris não é minha, nem dos magrebinos, nem dos búlgaros, poloneses, nem dos senegaleses a carregarem elefantes de madeira, marfim de pechisbeque, pulseiras feitas na China, muito menos é dos franceses, atarefados com erres e vogais babosas. Se me dessem Paris, é tua, eu não a queria porque sei que espectros dessa natureza não se deixam possuir. (Peixoto, 2010: 218).

Se Adelaide ouve música francesa, Livro, filho de emigrantes, conhece os artistas franceses, leu autores franceses, aprendeu a História de França; mas, também foi alvo de chacota e de piadas, também foi ostracizado – daí o sentimento de pertença ser ambíguo e ambivalente.

Quanto ao romance *Myra*, talvez o episódio mais emblemático desta ambiguidade seja a percepção irónica de Myra sobre a sua própria situação de raptada para servir como prostituta e sobre o gesto suicida que está prestes a cometer:

Lembrou-se de Ernesto Kleber, o bom alemão, *os suicidas são sempre assassinados*.

E da avó-mãe. *Marcha, marcha contra a neve, por vale e ventos, e se a neve te soterrar, paciência, há sempre alguém que apanha os teus pertences e continua*. [...]

Morria de artista, à russa [...]. (Costa, 2008: 220)

A multímoda formação que, em pouquíssimos anos, acumulou, bem como a dureza da sua experiência de vida permitem-lhe um distanciamento que significa uma não identificação plena – estratégia que Myra treinou de tal forma que nada a faz chorar. Myra é, neste sentido, um ser dividido e permeado por complexos pontos de ancoragem e referência.

No eixo destas reflexões, está o pressuposto de que não só as personagens constroem as suas imagens e representações da realidade como também são, elas próprias, influenciadas por representações culturais já existentes. Mais ainda, pressupõe-se que, uma vez constituídas em representações literárias, as mesmas personagens se tornem parte agente da construção do imaginário real dos leitores e da cultura portuguesa. Isto implica, como explica Pierre Bourdieu, “dépassez l’opposition [...] entre la représentation et la réalité”, incluindo “dans le réel la représentation du réel, ou plus exactement

[...] inclure dans la lutte des représentations, au sens d'images mentales, mais aussi de manifestations sociales destinées à manipuler les images mentales (Bourdieu, 1982: 136).

3. Relativamente às marcas de contaminação transnacional de culturas é necessário ter em conta que elas não só são múltiplas e complexas, mas, mais do que isso, são invasivamente intersticiais (“pervasive”) e, por vezes, muito subtis. Nesta abordagem dos dois romances, escasseando o tempo para explorar esses elementos subtis, poder-se-ão referir, à laia de exemplo, as incorporações dramatizadas de diferentes personalidades com características nacionais distintas, concretizadas (com maior o menor sucesso) por Myra, quando, numa taberna onde compra comida, se faz passar por alemã imitando a contaminação estrangeirada da pronúncia de Kleber (apreendida a partir da convivência com ele); ou quando ela se faz de retardada imitando o filho da criada de D. Mafalda para não levantar suspeitas ao Padre e à freira que lhe dão boleia; ou ainda quando diz ser grega e se chamar Helena (no encontro com o cego velho marinheiro), ou, finalmente, quando se dirige em inglês a Roland porque vê a matrícula vermelha do seu carro com a sigla CD. Por entre estas “performances” de Myra é fácil perscrutar as heteroimagens que ela vai criando acerca das outras personagens – a partir da sua perspetiva de imigrante de leste.

Emblemáticos da contaminação referida são também certos objetos que marcam a mudança de hábitos nos emigrantes do romance *Livro*: os óculos escuros que Adelaide já usa quando volta para Portugal, as calças de ganga vestidas por Cosme, e, claro, os carros que servem para vir de férias.

Porém, há uma marca recorrente que se torna mais facilmente identificável porque mais visível (ou audível): trata-se da contaminação linguística bem explícita nesta duas obras ficcionais.

Quando Myra fala em inglês para Gabriel, ele, percebendo-lhe o sotaque, responde-lhe em russo. Por sua vez, Orlando Gabriel (como afinal se chama o enamorado de Myra) fala uma mistura de crioulo e português com as criadas. Os criados da casa grande de Orlando, sendo de várias nacionalidades, criam todo um leque de contaminações linguísticas alegre e musical, tornando o ambiente indelevelmente transnacional. O jardineiro Wong, por exemplo, é fértil em contaminações linguísticas acentuadas nos provérbios que gosta de utilizar: “– Não faças *peleguntas*, não *telás mentilas*”.

Também o embaixador Rolf, dirigindo-se aos criados da casa grande, fala uma mistura de português e alemão. E muitos outros exemplos se podiam acrescentar.

Porém, uma das contaminações mais impressionantes é aquela que é expressa pelo calão e pelos *gros mots* utilizados por Myra em situações em se sente ameaçada – como acontece quando é raptada pelos homens violentos que utilizam o cão Rambô em lutas de morte e que matam a tiro, friamente, Orlando Gabriel. A brusca passagem de uma linguagem culta ao falar brejeiro e asneirente dos meios pobres e incultos com os quais mais contactam os imigrantes é um sinal da sua configuração transnacional.

No universo ficcional de *Livro* há também múltiplos exemplos de contaminação linguística, chegando o autor a transcrever, em discurso indireto livre e em diálogo, uma fala do Cosme feita nesse *franciú* aportuguesado característico dos emigrantes:

Depois, quando as trigémeas começavam a ser umas pequenas mulheres, o Cosme não as queria ouvir falar de fiançados na vila, não se haviam de mariar com marrocanos dessa ordem. Se elas se preparavam para fazer um turno, geralmente, virava jalú, quando elas protestavam, ela ordenava:

Tá gola.

Elas respondiam.

Mafú. (Peixoto, 2010: 232)

Assinale-se, por último, que há uma grande diferença entre os dois romances no que diz respeito ao desejo e à possibilidade de regresso, algo que, segundo Kevin Kenny (2010:61) é comum aos fenómenos diaspóricos, pois praticamente todas as conceções de diáspora têm como característica a ideia de “retorno à terra natal”, mesmo que esse retorno, muitas vezes, seja “mais imaginado que real” (Kenny, 2010: 60-61). Daí a ênfase dada à noção de “imagem” e ao conceito de *imagem*, o qual pretende “descrever uma imagem [nacional] em todas as suas implícitas e compostas polaridades”, conforme explicam os proponentes J. Llereson & M. Beller (2007: 344). Caminha neste mesmo sentido o termo *ImageNation*, aduzido por E. Santos Unamuno com o intuito de salientar o aspeto “construído” dos *imagemas* (e, de sobremaneira, os *imagemas* representados nos universos ficcionais).

Como o hibridismo encenado nestes romances dá a ver aos leitores, as noções de pertença são imaginadas e vão sendo

realimentadas pelo desejado, mas não menos imaginado, regresso. O tema do retorno é apresentado sob uma face mais positiva no caso do romance *Livro*, onde o regresso é (quase) conseguido – ou, melhor, é conseguido se se considerar a personagem Ilídio, menos bem sucedido com a personagem Adelaide e inaplicável à situação de Livro, filho de ambos; porém, no caso do romance *Myra*, não só o regresso é impossível (para a protagonista), como se assiste à desmitificação da ideia de regresso com a personagem Orlando Gabriel. Com efeito, motivado por uma idealizada procura das origens, Orlando partira para o sul de África com a pretensão de a compreender, mas de onde regressa mutilado na sua virilidade, funcionando este aspeto como marca de xenofobia e da não-vontade de reintegração de um mestiço, mesclada da prepotência machista por parte de quem tem uma noção de pertença nacional e regional rígida e estreita. Pela contemporaneidade do cronótopo representado, a obra *Myra*, mais do que o outro romance, incorpora a complexidade dos efeitos da globalização, uma vez que intensifica o sentir dividido das personagens, expondo assim um dos aspetos alvo de crítica nas abordagens transnacionalistas da literatura, como aponta Paul Jay:

One claim that is often made against the changes ushered in by the transnational turn in literary studies is that it has led to a debilitating fragmentation. Principles of coherence that have guided the field for decades have given way to a focus on pluralities, differences, hybrid identities, and complicated transnational geographies that are seemingly incoherent and unmanageable. I do not agree, because I believe that literary studies as a field has always thrived on fragmentation and challenges to coherence. (Jay: 2010: 4)

Se a fragmentação transnacional se apresenta mais complexa e dolorosa⁸ no romance de Maria Velho da Costa (cuja posição ideológica se revela, assim, bem marcada), ela não deixa de estar presente na obra de José Luís Peixoto, agudizando-se sobretudo no desenho da personagem Livro.

O desfecho dos dois romances, considerado nesta senda interpretativa, é bem elucidativo: Livro vê-se a si próprio sem lugar de pertença evidenciando assim o seu (sentido) hibridismo; por seu turno, *Myra*, não encontrando um lugar de vivência híbrida que não seja

⁸ O aspeto doloroso de certas experiências de vida, com maior ou menor grau de fragmentação, já surge bem vinculada em muitos dos contos da escritora, reunidos sintomaticamente sob o título *Dores*.

degradante e anulador de si própria, “sai” do lugar pela morte. Metonimicamente, as duas obras acusam o país de acolhimento, Portugal (e, generalizando, os países da Europa ocidental que supostamente “acolhem” imigrantes), de não criar espaços híbridos que, embora tensos, possam ser positivamente conviviais. Esta acusação não se propõe como pedagógica ou moralizante – mas, pela mão da magia literária, os autores incitam-nos a pensar nestes dramas atuais.

Bibliografia

- Abdallah-Pretceille (2004): Martine Abdallah-Pretceille, *L'Éducation Interculturelle*, Paris, PUF.
- Bauman (2010): Zygmunt Bauman, *L'Identité*, Paris, Éditions de L'Herne, coll. «Carnets».
- Beller & Leersson (2007): Manfred Beller y Joep Leerssen, *Imagology. The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, *STUDIA IMAGOLOGICA*, 13. Amsterdam/New York, Rodopi.
- Bessa-Luís (2003): Agustina Bessa-Luís, “Prefácio”, in José Viale Moutinho, *Entre Povo e Principais*, Vila Nova de Gaia, Editora Ausência.
- Bourdieu (1982): Pierre Bourdieu, “L'identité et la représentation”, in *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris, Fayard.
- Bouveresse (2003): Jacques Bouveresse, *Prodígios e Vertigens da Analogia*, Lisboa, Celta.
- Costa, (2008): Maria Velho da Costa, *Myra*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Deleuze & Guattari (1995): Gilles Deleuze y Felix Guattari, *Mil Platôs*, Vol. 1. S. Paulo, Editora 34.
- Deleuze & Guattari (1997): Gilles Deleuze y Felix Guattari, *Mil Platôs*, Vol. 5., S. Paulo, Editora 34.
- Jay (2010): Paul Jay, *Global Matters: The Transnational Turn in Literary Studies*, Ithaca and London, Cornell University Press.
- Levinas (1971): Emmanuel Levinas, *Totalité et Infini: Essai sur l'extériorité*, Paris, Kluwer Academic.
- Pries & Seeliger (2012): Ludger Pries y Martin Seeliger, “Transnational

Social Spaces. Between Methodological Nationalism and Cosmo-Globalism”, in Anna Amelina; D. Nergiz Devrimsel; Thomas Faist; Nina Glick Schiller (eds.), *Beyond Methodological Nationalism. Research Methodologies for Cross-Border Studies*, London/New York, Routledge.

Ramazani (2009): Jahan Ramazani, *A Transnational Poetics*, Chicago and London, The University of Chicago Press.

Santos Unamuno (2009): Enrique Santos Unamuno, “De la imagología a los *Imagenation Studies*: prolegómenos de una propuesta teórica”, in *Acta Salmanticensia*, 324, pp. 425-432.

Vervaeke & Kennedy (2004): John Vervaeke y John M. Kennedy, “Conceptual Metaphor and Abstract Thought”, in *Metaphor and Symbol*, 19 (3), pp. 213-231.